

INTERFERÊNCIAS NEGATIVAS NO ATO DE LER

WALKIRIA TOLEDO DE ARAÚJO

Departamento de Biblioteconomia e Documentação

Universidade Federal da Paraíba

58000 João Pessoa, PB

Descrevem-se algumas variáveis da leitura, destacando-se aquelas desestimuladoras do hábito de ler e que geram um leitor relutante, e relatam-se pesquisas enfocando os aspectos influenciadores no comportamento dos indivíduos em relação à leitura.

1. INTRODUÇÃO

Conforme demonstra Dechant (1973), diversas são as variáveis que interferem no comportamento de ler. No contexto deste trabalho se fará uma breve apresentação de algumas dessas variáveis, destacando-se as mais relevantes em termos de não fortalecimento do comportamento de ler, de que pode resultar um leitor relutante.

Alguns cientistas defendem o aspecto biológico como fundamental, enquanto outros defendem o aspecto ambiental. De qualquer modo é inegável a importância do desenvolvimento cognitivo sobre a leitura.

Dechant (1973) aglutina algumas variáveis, classificando-as da seguinte forma: desenvolvimento intelectual, experiência de vida, desenvolvimento físico, adequação visual, auditiva e neural.

De acordo com Lewis e Teale (1980), os dados disponíveis permitem dizer que, na última década, aumentou o interesse no tópico de atividades em relação à leitura.

Além disso, os professores têm, freqüentemente, afirmado que as atividades dos alunos frente à leitura têm um aspecto importante nesse comportamento. Dentro deste contexto, os educadores têm planejado o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à leitura. Essa preocupação tem ido mesmo além dos bancos acadêmicos, para atingir outros profissionais, com os professores. Dentro deste

contexto é de se destacar o grande esforço que vem sendo desenvolvido, nos últimos anos, para medir atitudes em relação à leitura. Lewis e Teale (1980) arrolam uma série de instrumentos testados e padronizados para a população dos Estados Unidos. Todavia, no Brasil, não se dispõe, até o presente, de qualquer instrumento dessa natureza. Os dois autores referidos realizaram esse trabalho com o intuito de desenvolver, neste sentido, um instrumento que focalize aspectos relacionados com a satisfação, com a utilidade e com o desenvolvimento individual oferecido pela leitura. Seria relevante dispor-se, no Brasil, de instrumentos semelhantes, que seriam de grande utilidade, tanto a nível de pesquisa como no planejamento de programas paliativos, pois, muitas vezes, o problema é mais de atitudes consativas em relação à leitura do que de deficiência no repertório básico para ler. No caso de leitores relutantes, outras vezes, são as atitudes negativas responsáveis pela ausência desse comportamento nos leitores.

2. LEITURA: VARIÁVEIS INFLUENTES

O ambiente de experiências é considerado como uma das variáveis mais significativas que influem no comportamento de ler. Explica-se isto com base nos dados da ciência, que garantem ser o processo de aculturação influente no comportamento dos indivíduos, no que diz respeito à absorção de hábitos e valores.

Com base nessa afirmação, o hábito de leitura formado nas pessoas é condicionado pelas diversas fontes: os pais, os colegas, os meios de comunicação social, o professor, a religião, a escola, etc.

Não há dúvida de que as primeiras experiências da criança com o livro devam ser agradáveis e bem sucedidas. Em função desta afirmativa sugere Silva (1979) que é necessário dispensar cuidados nos aspectos extrínsecos do material impresso para que ele possa provocar a curiosidade do leitor. A mencionada autora ressalta que, após essas interações com o texto, a criança lê pelo simples prazer de fazê-lo. Acrescenta ainda que, na escola brasileira, as atividades de leitura geralmente são constituídas de tarefas pouco motivadoras, sendo o ato de ler, muitas vezes, associado à exigência do cumprimento de atividades desinteressantes e desagradáveis.

A carência cultural (1), também conhecida como privação cultural e marginalização cultural, tem sido tema de discussão e interesse dos psicólogos e educadores (Miller, 1967; Passow e colaboradores, 1967; Heizog, 1969, apud Witter, 1976) e, mais recentemente, de bibliotecários, iniciantes na investigação dessa variável em relação ao comportamento de ler.

(1) Clark (1962, apud Witter, 1967) afirma que a expressão carência cultural é inadequada quanto a muitos aspectos, tais como: a criação de expectativa negativa de revés por parte de alguns segmentos da sociedade, devido, também, à possibilidade de fomentar falsas concepções, significados contraditórios e de desenvolver estereótipos inadequados (Markler e Goding, apud Witter, 1979).

Diversos autores, de diferentes linhas teóricas, são unânimes em afirmar que as experiências fornecidas pelo meio sócio-cultural do indivíduo e pela linguagem interferem no comportamento de ler desses indivíduos (Santiago, 1978).

Assim, tem-se que admitir a visível tendência de ampliar o número de pessoas que apresentam características comuns, geralmente consideradas como próprias desse segmento da sociedade: o privado cultural.

Esta asserção poderia vir a se constituir em um dos grandes problemas para a educação nas próximas décadas, assegura Riesman (1962). Contraditoriamente a essa situação, nem mesmo os educadores estão bem a par das características, valores e problemas educacionais dessas pessoas (Witter, 1976).

A partir de estudos descritivos, alguns autores observaram diferenças apresentadas entre o comportamento de ler entre crianças, jovens e adultos culturalmente carentes, quanto à língua oficial adotada em cada país. Com base nessas pesquisas, os estudiosos do assunto concluíram a deficiência de linguagem, e daí, passaram a se preocupar em caracterizar essas diferenças, visando melhorar ou mesmo corrigir o desempenho verbal da linguagem dos carentes culturais.

Dentro dessa abordagem foram realizadas várias pesquisas sobre o comportamento da criança carente cultural, que indicam a deficiência de linguagem de um modo geral ou quanto a alguns aspectos da mesma.

Betherington (1975, apud Witter, 1979, p. 89) diz: "as influências de classe social e étnicas foram evidentes neste ano na literatura, uma vez que a psicolinguística desenvolvimentista continua ampliando seus domínios para incluir crianças de uma ampla variedade de ambientes sócio-econômicos. Parte do interesse original pelas chamadas crianças **desprivilegiadas** surgiu da sugestão de que sua linguagem era em certo sentido lingüisticamente deficiente e que essa deficiência lingüística subsequentemente levaria a déficits cognitivos. Contudo, pouco apoio tem sido encontrado."

Diz-se que as crianças socialmente desfavorecidas não gostam de ler. Não se trata de um juízo de valor, mas de uma comprovação de influência da variável ambiente. Santiago (1978) refere-se à ação do ambiente como uma das variáveis de grande realce para o estabelecimento dos comportamentos característicos do carente cultural.

Lopes (1981), em sua dissertação de mestrado, relata dados bastante expressivos quanto à relevância do ambiente, do lar e das bibliotecas nas influências a que estão submetidos sujeitos de classes distintas.

Muito se tem preocupado com o comportamento das pessoas sócio-economicamente desfavorecidas. Esse interesse científico é antigo; no entanto, é na década de sessenta que o assunto vai merecer mais atenção. Dentre os estudos realizados com esse segmento da população enfocam-se os trabalhos acerca do comportamento de ler (Witter, 1975).

Em sua tese de doutorado Alibiu (1981) focalizou um tema mais amplo, que se insere pela leitura e sua relação com classe social. Esse bibliotecário nigeriano teve seu interesse despertado para o estudo das variáveis sócio-econômicas que determinam a seleção e uso dos meios de comunicação, nos três grupos étnicos principais de seu país: Hansa, Yoruba e Ybo. Partiu dos seguintes pressupostos: "duas coisas levam à exposição dos meios e conseqüentemente aos efeitos dos mesmos: a) acesso aos meios; e b) motivação para usar os meios. Assumiu-se, ainda, que o acesso aos meios é explicado pelas condições sócio-econômicas e a motivação para usar os meios é definida por necessidades físico-sociais" (p. 3308 – A).

O autor entrevistou 600 pessoas, sendo 60% da zona urbana e os restantes da zona rural. A entrevista estruturada incluiu a emissão de opiniões sobre rádio, televisão, jornal, revistas, filmes e livros. Recorreu à estatística paramétrica e não-paramétrica, de acordo com o item da entrevista. Encontrou diferenças significantes entre os grupos étnicos, sendo mais negativo o uso do rádio, dos jornais e revistas entre os Hansa, e o rádio mais positivo para os Yoruba. Quanto melhor o nível sócio-econômico, maior a exposição aos meios de informação, havendo correlação positiva com educação, ocupação e renda. Os Yoruba tenderam ao uso maior dos meios, tanto de alto como de baixo nível de informação, do que faziam os Hansa. As pessoas da zona rural usavam mais o rádio do que as da zona urbana, e estas mais a televisão do que aquelas. O livro não se mostrou um meio significativo. O nível educacional e a ocidentalização surgiram como os melhores indicadores de acesso à motivação em relação com meios de comunicação. Os dados oferecem também um catálogo de necessidades levantadas junto aos sujeitos.

Happer (1980) realizou uma pesquisa com 64 leitores medianos de duas classes sociais (alta e baixa) para verificar as diferenças de atenção durante a leitura. Considerou, também, a variável sexo, entre 12 e 13 anos e de seis a sete anos de idade. Recorreu a uma técnica de observação para registrar o comportamento dos sujeitos durante as horas de leitura em sala de aula, tendo conduzido o trabalho em quatro semanas. Definiram-se duas categorias de comportamento: comportamento de atenção e de não atenção, que podiam ocorrer em quatro situações específicas de sala de aula. Essas situações incluíam atender às ordens do professor em relação à leitura em grupo ou para a leitura individual, em situação de cooperação com o colega ou isoladamente.

Seus dados permitiram verificar que a atenção durante o processo de leitura decorre da aprendizagem, e a amplitude ou duração da atenção é ampliada através da aprendizagem (1). As crianças menos privilegiadas economicamente não entram

(1) Collins (1980) apresenta dados que mostram a importância da concentração da atenção durante a leitura silenciosa, evidenciando que constituem variáveis relevantes para o comportamento do professor e do aluno.

na escola com uma história de reforçamento para manutenção da atenção. Daí apresentar, nos primeiros anos escolares, diferença significativa em relação aos alunos de classe alta. Com a escolarização essas diferenças tendem a diminuir. Com a idade, diminui a ocorrência de comportamento de não atenção de leitura. Cabe aqui lembrar que os informantes dessa pesquisa eram alunos frequentadores da mesma sala de aula.

É verdade que não se pode desprezar os aspectos econômicos da família, uma vez que a defasagem salarial provocada pelo alto custo de vida acarreta uma preocupação constante, voltada tão somente para as necessidades básicas, tais como alimento, habitação e vestuário. Esta asserção vem coincidir com os dados obtidos na pesquisa relatada pela educadora Pires (1977), efetuada com crianças das quatro primeiras séries. A referida autora demonstrou a existência de mais hábitos de leitura na criança e no adolescente quando atendidas pela escola e que a família não tem idéia do que os alunos lêem ou pelo que se interessam, inclusive não vem desempenhando o seu papel de principal núcleo formador e educador dos futuros cidadãos. Constatou-se que 351 informantes não possuíam condição financeira para a aquisição de obras literárias. Em 8% dos casos não havia, por parte dos pais, o menor hábito de leitura. A pesquisa relata, ainda, que em 3% das casas visitadas não havia vestígio nenhum de material impresso. Esses dados sugerem ser a família, representada sobretudo pelos pais, variável relevante na formação do hábito de ler.

Enfocando ainda os interesses de leitura, a pesquisa de Moysés (1976) mostrou o papel diversificado da variável sexo. Verifica-se que 85% dos informantes do sexo masculino preferiram revistas em quadrinhos, e 35% preferiram revistas esportivas, e que quase nunca liam jornais. Por outro lado, as informantes do sexo feminino liam mais revistas do que o sexo oposto, e apresentaram maior interesse pela televisão e pela música do que o sexo masculino.

Medina e Almeida (1976) realizaram interessante pesquisa enfocando os aspectos sociológicos que interferem no hábito de ler. A amostra constituiu-se de 252 informantes, distribuídos em 55 famílias situadas em 3 camadas sociais, a saber: a camada A, composta de 11 famílias; a B de 20, e a C de 24. A frequência com que lêem essas categorias de família se apresentou assim: a classe A se caracterizou por pessoas que lêem mais; a categoria B lê esporadicamente, e a classe C não costuma ler.

Conforme os dados dessa pesquisa, o hábito de leitura está condicionado aos aspectos econômicos da família, ao nível cultural dos pais e à expectativa da família. A leitura é vista por essas três categorias sob diversos ângulos. Nas famílias da camada A os pais se preocupam em estimular os filhos a ler. O material de leitura é sempre financiado e há condições ambientais favoráveis para a leitura, como, por exemplo, a existência de biblioteca. Já na camada B não há lugar reservado para a

leitura. Lêem-se, sobretudo, livros didáticos. Para a classe C a leitura é mencionada como elemento que "afasta o jovem de suas obrigações para com a família".

Os lares nem sempre oferecem condições ambientais necessárias e estimulantes para a leitura. Os pais, em sua maioria, não lêem e não se preocupam em desenvolver esse hábito nos filhos. Nessa camada lê-se o jornal quando emprestado, e considera-se o ato de ler privilégio dos que têm tempo e dinheiro. A escola é a principal fonte incentivadora do hábito de ler nessa camada, através da indicação da professora ou da doação de livros.

Outra variável importante que afeta a leitura é **personalidade e autoconsciência**. Por exemplo, Youssef (1980) estudou as condições de iluminação natural no interior da biblioteca, durante as várias estações do ano, em sua instituição, localizada na zona temperada, no hemisfério norte, usando recursos de engenharia experimental, mas criando um sistema especial de simulação para testar a influência de várias proporções e posições de janelas sobre a área de trabalho que recebia luz. Construiu-se uma sala-modelo para testar essas variáveis e o reflexo de luz na parede fronteira à que tinha janelas, estudando-se os materiais refletidores. Com esse procedimento chegou a um método gráfico para determinação da iluminação, tipo e tamanho ótimo de janelas e material para as paredes em qualquer tipo de sala. Esse método parece mais útil para os arquitetos trabalharem do que as teorias de iluminação.

Esse autor teve ainda preocupação com a problemática envolvendo a biblioteca e que decorre do fato de os olhos cansarem e da ocorrência de distração visual durante a leitura, quando a iluminação do ambiente não é devidamente equilibrada em termos de luminosidade e brilho, indo além ou ficando aquém da capacidade de adaptação do olho. Testou a eficiência das janelas no controle desses aspectos, estudando sua eficiência em relação ao tamanho da sala de leitura, e estudou esse aspecto, inclusive, em situações onde não se podia dispor de janelas flexíveis no controle de luz.

O referido autor chegou às seguintes conclusões: janelas altas devem ser preferidas em termos de eficiência e qualidade para penetração da luz, ao invés de janelas quadradas e horizontais com a mesma área envidraçada; o teto e a parede fronteira têm um impacto combinado com componentes refletores de luz; é possível obter um gradiente ideal para entrada de luz, fazendo-se observações e mensurações constantes e recorrendo-se a meios de controle; as janelas retangulares e verticais que se abrem para o exterior introduzem mais luz do que as que são quadradas e se abrem para o interior.

Até mesmo fatores pré-natais podem influir na aquisição e nas dificuldades de aprendizagem da leitura. Bale (1981) fez uma revisão da bibliografia sobre a matéria, de 1872 até hoje, tendo também realizado uma pesquisa na área. Problemas alimentares (mães mal nutridas), de uso de tóxicos durante a gestação, excess-

so de trabalho durante a gravidez, nascimento prematuro ou com peso abaixo do normal, estão intimamente relacionados com dificuldades em leitura (*).

Quanto à variável **desenvolvimento intelectual**, Dechant (1973) sublinha que a mesma é muito complexa, sendo um assunto discutível entre os estudiosos da área.

Também em identificar as variáveis que afetam o comportamento das pessoas em relação à leitura, preocupou-se Garcia (1975). São as seguintes as variáveis identificadas por essa autora, em seu trabalho teórico: a idade, a classe social, o nível de instrução, o sexo, a ocupação ou profissão e a moradia.

A mencionada autora se refere, ainda, aos **grupos de referência** (**) como agentes influenciadores do comportamento dos indivíduos perante a leitura.

Lamme (1976, apud Lopes, 1981) identifica duas significativas variáveis relacionadas com a leitura: o **nível de habilidade** e a **capacidade para ler**. Esse autor, numa pesquisa com crianças da quarta, quinta e sexta séries, comprova a correlação existente entre ambas as variáveis. Quanto mais alto o nível de habilidade de leitura, maior a frequência para com esse comportamento.

Pesquisa semelhante a essa foi realizada por Whitehead e um grupo de pesquisadores (1977, apud Weintraub e Colab, 1978-79 e Lopes, 1981). Esse autor e seus colaboradores pesquisaram interesses e hábitos de leitura entre crianças de 10 a 14 anos concluíram que, quanto maior a disponibilidade de material para a leitura, maior será a quantidade de leitura realizada. Aspectos como frequência de leitura pelos pais, presença de jornais no lar, frequência regular, à biblioteca pública por parte das crianças foram relacionados como elementos favoráveis ao ato de ler.

Outra pesquisa nesse sentido foi desenvolvida em Porto Alegre, em 1973/74, sob a responsabilidade do Instituto Nacional do Livro, entre estudantes do segundo grau. Compuseram a equipe de pesquisadores professores, pedagogos, psicólogos e estatísticos. A amostragem abrangeu a totalidade das escolas existentes na referida cidade, sendo entrevistados 10 alunos, aleatoriamente escolhidos, em cada escola. Os aspectos mais importantes levantados na pesquisa foram os seguintes: a leitura ocupou o quinto lugar das atividades preferidas, sendo que em primeiro lugar estavam cinema e música. À pergunta: Por que não ler? resultou como principal impedimento o estudo, depois o trabalho. As áreas de interesse foram assim

(*) A desnutrição, freqüentemente associada à carência cultural, compromete várias áreas do comportamento, inclusive o repertório básico para a leitura, conforme se depreende da revisão de pesquisas nessa área feita por Stevens e Baxter (1981).

(**) Define-se **grupos de referência** como um conjunto de valores e padrões de avaliação com os quais os indivíduos se identificam, elegendo-os como objetivos pessoais.

delimitadas: humor em primeiro lugar, seguido de sexo, amor, aventura e ficção científica. A fonte de indicação partiu na ordem: de amigos, professores, meios de comunicação e, por último, parentes. Quanto aos tipos de literatura preferidas pelos alunos, seguem-se histórias em quadrinhos (60%) e jornais.

A equipe editorial da revista *Reading Teacher* relatou uma pesquisa realizada em 1977, com a finalidade de aferir a reação de 5.000 crianças americanas face a uma relação de livros. Objetivou-se, com isto, debater as preferências do leitor infantil em relação à literatura.

Pesquisa dessa natureza foi realizada por Kibley (1977, apud Lopes, 1981), com o intuito de analisar o *status* e atividades associadas ao comportamento de ler. Os sujeitos dessa pesquisa eram alunos do segundo grau. Concluiu-se que as pessoas de alto nível de realização possuíam também alto nível de desempenho de leitura.

Outra variável importante que afeta a leitura é personalidade e autoconceito, sublinhada por Lampert e Auders (1976, apud Lopes, 1981). Esses autores observaram que os leitores se interessavam mais por documentos impressos e tinham preferência pela leitura, ao invés da televisão.

As diversas abordagens científicas têm feito algumas contribuições no campo da leitura. Conforme lembra Melo (1981), o modelo psicanalítico baseado na teoria de Levenson (1979) objetiva analisar as relações entre o comportamento de ler e o desenvolvimento do ego das pessoas. O referido autor concluiu que existe uma relação entre personalidade e aquela dimensão da personalidade, e propôs a efetivação de pesquisas acerca da influência do desenvolvimento do ego através da leitura.

Numa abordagem comportamentalista, alguns estudos foram realizados no sentido de se investigar a influência da leitura na aprendizagem do indivíduo. Bandeira e Walkers (1963, apud Melo, 1981) sublinham que a imitação constitui um relevante comportamento para o desenvolvimento das crianças. Esses pesquisadores demonstraram que as crianças podem adquirir valores e padrões de conduta social e outras respostas através da imitação. Concluíram ainda que os pais, como agentes socializadores, oferecem condições adequadas para que as crianças aprendam através da observação e da imitação, utilizando-se, às vezes, também de reforços positivos ou negativos. Santos (1975) verificou serem os pais elementos altamente reforçadores e potencialmente aptos à imitação.

Zbonikowska (1981) pesquisou a leitura de textos de divulgação científica, entre adolescentes poloneses. Sua motivação para concretização desse estudo partiu do fato de que, no presente século, vem crescendo a quantidade de material científico que o aluno deve ler na escola. Considerando que outros estudantes têm dificuldades para ler esses textos, é preciso um esforço para superá-los, pois ao longo de suas vidas terão que se defrontar com uma grande massa de informação científica. A autora sugere a utilização das obras de divulgação científica que, sob a

forma de livros e revistas, junto aos estudantes da escola secundária, possa tentar evitar essas atitudes negativas. Ela relata uma pesquisa que conduziu com estudantes do curso secundário para verificar a quantidade de literatura científica popular (excluindo a de ficção científica), recorrendo a 385 estudantes que frequentavam escolas que dispunham de bibliotecas e possibilitavam o acesso aos vários tipos de livros. A pesquisa foi feita através de um questionário. Verificou-se que 82% dos adolescentes liam uma ou mais fontes bibliográficas de ciência popular, sendo que muitos preferiam leitura de Biologia, possivelmente porque esses materiais existem em maior quantidade nas bibliotecas (2/3 a mais do que as outras ciências), e 25% dos sujeitos liam textos de Física. A autora considerou que esses dados servem de indício para a utilização desses materiais, para o desenvolvimento da apreciação e de atitudes mais positivas por parte dos alunos em relação à leitura de ciências. Deve-se estimular essas leituras mesmo durante as férias, o que, certamente, poderá ter um impacto sobre o conhecimento de ciências por parte dos alunos.

Beyard—Tyler e Sullivan (1980) realizaram pesquisas com o objetivo de verificar as preferências de adolescentes sobre título, tema e sexo dos personagens de histórias dos tipos: novelas, realistas, contemporâneas. De fato, conduziram dois estudos em torno destes temas. Em metade das novelas a personagem principal era masculino, e na outra metade era um protagonista feminino. Os sujeitos eram alunos da sétima, nona e décima-primeira séries. No primeiro estudo o autor não encontrou diferenças de sexo. Quanto à preferência por tema, revelou uma escolha consistente pelo tema que apresentava soluções positivas para situações problemáticas, o que não era esperado, uma vez que aparecem como populares, entre adolescentes, livros que terminam sem qualquer solução ou com solução negativa. No segundo ao tipo de personagem (masculino e feminino), embora se tivesse detectado significativa preferência pelo personagem do mesmo sexo, fato também verificado no primeiro estudo. Estes dados sugerem também a necessidade de outras pesquisas para verificar a consistência desses achados em pré-adolescentes, adolescentes de outras idades e mesmo em crianças pré-escolares.

3. CONCLUSÃO

Sem ter a pretensão de esgotar a matéria, pode-se considerar que o exposto aqui é suficiente para demonstrar que múltiplas são as variáveis que atuam na aquisição, desenvolvimento e manutenção do hábito de leitura. Assim sendo, é natural que, quando se focaliza a problemática de leitores relutantes, encontra-se, também, um conjunto de variáveis que precisam ser levadas em consideração para que se tenha condições de dar atendimento a esses leitores.

Certamente no âmbito da biblioteca e da ação do bibliotecário muita coisa

pode ser conduzida, porém é preciso estar ciente de que seus esforços podem ser frustrados pela ação de variáveis que escapam à sua possibilidade de controle.

Comunicação recebida em 22.04.85

Abstract:

Negative interferences in reading

Lists some variables linked to the reading habit, emphasizing negative factors which interfering in the reading habits produce the reluctant readers. Discusses relevant research, drawing attention to the aspects which influence the behaviour of the individual in relation to reading.

REFERÊNCIAS

1. ALIBIU, A. A comparative analysis of mass media uses and gratifications among three ethnic groups in Nigéria. *Dissertation Abstracts International*, 41 (8):330 8A, 1981.
2. BALE, P. Pre-natal factors and backwardness in reading. *Educational Research*, 23 (2): 134-143, 1981.
3. BEYARD-TYLER, K. C. & SULLIVAN, H. J. Adolescent reading preferences for type of theme and sex of character. *Reading Research Quartely* (1):104-119, 1980.
4. COLLINS, G. Sustained silent reading periods; effect on teachers, behaviours and student's achievement. *The Elementary School Journal*, 81(2): 109-114, 1980.
5. DECHANT, E. *Reading improvement in the secondary school*. Englewood cliffs, New Prentice-Hall, 1973.
6. GARCIA, M. L. A. O leitor e a biblioteca pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 4 (2): 186-87, 1975.
7. HARPER, C. B. J. Attending behaviour in reading and socio-economic status. *Reading Psychology*, 2 (1): 15-22, 1980.
8. LAMME, L. L. Are reading habits and abilities related? *The Reading Teacher*, 30: 21-27, 1976.
9. LEWIS, R. & TEALE, W. H. Another look at secondary school students attitudes toward reading. *Journal of Reading Behaviour*, 7 (3): 187-201, 1980.
10. LOPES, M. M. L. *O hábito de leitura em escolares do 2º grau; freqüentadores da biblioteca pública*. João Pessoa, 1981, 244p. (Dissertação de mestrado).
11. MEDINA, C. A. & ALMEIDA, M. L. de. *Hábitos de leitura: uma abordagem sociológica*. Rio de Janeiro, INEP, 1976. 106p.
12. MELO, S. P. da S. *Tarefas de desenvolvimento do adulto e sua perspectiva de tempo: um estudo de textos literários nordestinos*. João Pessoa, 1981. (Dissertação de mestrado).
13. MOYSÉS, S. M. A. *Criatividade verbal e adjetivação em redação; um estudo experimental com a técnica de Cloze*. São Paulo, 1976. (Dissertação de mestrado).
14. PIRES, N. *Crianças e jovens leitores retardados. De quem é a culpa?* *Visão*, 51 (2): 76-80, jul. 1977.
15. RIESMAN, F. *The culturally deprived child*. New York, Harper & Row, 1962.
16. SANTIAGO, N. V. *Eficiência do treino para o desenvolvimento em carentes culturais: implicações para o contexto educacional*. São Paulo, 1977 (Dissertação de mestrado).
17. SILVA, M. C. M. R. *Leitura e atividades lúdicas*. *R. Bras. Biblioteconomia Doc.*, 12 (3/4): 191-198, jul./dez. 1979.

18. WEINTRAUB, S. et alii. Summary of investigations relating to reading. July 1, 1977, to June 30, 1978. *Reading Research Quarterly*, 14 (3):287-466, 1978/79.
19. WITTER, G. P. *Ciência, ensino e aprendizagem*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.
20. ———. Integração escola-comunidade. *Temas educacionais*. São Paulo, (23) 1979.
21. ———. *Privação cultural; instrução programada*. São Paulo, Vetor Editora Psico-Pedagógica, 1976. 90p.
22. YOUSSEL, W. F. Natural light and libraries. *Dissertation Abstracts International*, 40 (10): 5222, 1980.
23. ZBONIKOWSKA, D. Scientific popular reading among Polish adolescents. *Journal of Reading*, 24 (5): 395/397, 1981.